

A Revista do **SuiSite**

O PORTAL DA SUINOCULTURA

Dezembro/2022 - Nº 06 - ano I - www.suisite.com.br/revista



ESPECIAL PROJEÇÕES

Especialistas falam
sobre o ano da
suinocultura

ABATE

Principais desafios
sanitários no abate
de suínos

O QUE A SUINOCULTURA BRASILEIRA PODE ESPERAR DE 2023?

A oferta global de carne suína deve seguir pressionada no próximo ano, resultado da desaceleração da produção na China. No Brasil os custos de alimentação continuarão sendo fator de alerta para a produção, e a busca por novos destinos – além da China – guiará o setor

#Portal #Revistas #RedesSociais



Mundo Agro

Editora

CONFIE NOS MAIS DE 20 ANOS DE EXPERIÊNCIA E CREDIBILIDADE NO AGRONEGÓCIO

Voltadas à produção animal, as publicações da Mundo Agro Editora são reconhecidas pela credibilidade e zelo quanto às informações de mercado, estatísticas, noticiário nacional e internacional e novidades científicas e tecnológicas voltadas à agropecuária. E essa credibilidade é o diferencial estratégico para a comunicação do seu produto, serviço e da imagem da sua empresa.

São 20 anos de experiência, comprometimento e conteúdo renomado e reconhecido pelo mercado.

AviSite 
O PORTAL DA AVICULTURA

PecSite 
O PORTAL DA BOVINOCULTURA

OvoSite 
O PORTAL DO OVO

SuiSite 
O PORTAL DA SUINOCULTURA

www.MundoAgro.com.br

Editorial

Caro leitor,

A oferta global de carne suína deve seguir pressionada em 2023, resultado da desaceleração da produção na China a partir da segunda metade desse ano e das expectativas de novas quedas nos abates da União Europeia e Reino Unido, por conta do forte aumento dos custos de produção da alimentação e da energia, é o que aponta o relatório de perspectivas para o agronegócio brasileiro do Rabobank.

A questão sanitária ligada a PSA também tem sido outro fator importante, já que o número das regiões atingidas tem aumentado em relação ao ano anterior. Considerando os maiores países produtores e exportadores da Europa, com exceção da Espanha (que deve avançar em 1% a produção este ano sustentada pelas exportações para China), os outros países devem registrar quedas na oferta, cenário que deve se manter no próximo ano.

Ainda, de acordo com o banco, riscos sanitários globais, tanto pela PSA como pela PRRS, devem continuar sendo um dos maiores pontos de atenção do setor produtivo, mas também, podem trazer oportunidades para as exportações brasileiras, devido à alta competitividade no mercado internacional.

Dessa forma, a procura por novos destinos deve se manter como um dos principais objetivos do setor de exportação no próximo ano.

Perspectivas como essa integram o Especial Projeções 2023, da Revista do SuiSite. Com importantes associações analisando 2022 e o que podemos esperar para o próximo ano.

Ainda: o artigo inédito “Os principais desafios sanitários no abate de suínos” é destaque dessa edição.

Aproveitem, leiam e compartilhem.

Boa leitura!

Gláucia Bezerra

ABATE



32 Principais desafios de suínos

SAÚDE ANIMAL



40 Os principais tipos de suínos e os desafios



Mundo Agro Editora Ltda.
Rua Erasmo Braga, 1153
13070-147 - Campinas, SP

Publicação Trimestral
nº 06 | Ano 1 | Dezembro/2022

Os informes técnico-empresariais publicados nas páginas da Revista do SuiSite são de responsabilidade das empresas e dos autores que os assinam. Este conteúdo não reflete a opinião da Mundo Agro Editora.

EXPEDIENTE

Publisher
Paulo Godoy
paulo.godoy@mundoagro.com.br

Redação
Gláucia Bezerra (MTB 80373/SP)
imprensa@mundoagro.com.br

Comercial
Natasha Garcia, Paulo Godoy e André Di Fonzo
(19) 3241 9292 | (19) 98963-6343
comercial@mundoagro.com.br

Diagramação e arte
Gabriel Fiorini
gabriel Fiorini@me.com

Internet
Gustavo Cotrim
webmaster@avisite.com.br

Administrativo e circulação
financeiro@avisite.com.br



Condições sanitárias no abate



Impactos de Salmoneloses em
crias para o plantel

ESPECIAL - PROJEÇÕES



RABOBANK

20

Exportações para China
devem sustentar a produção
brasileira de suínos



ABAG

24

Em prol da
segurança
alimentar mundial



SINDAN

28

Em ano repleto de
desafios, SINDAN exalta a
retomada de
estabilidade do setor
de saúde animal no Brasil



SINDIRAÇÕES

30

Alimentação animal:
Fatores que
refrearam maior
crescimento em 2022

06

Eventos e
As + lidas
do SuiSite

08

Destaques SuiSite:
Profissionais,
Empresas &
Instituições

12

Destaques SuiSite:
Produção de Ovos

14

Destaques SuiSite:
CBNA

16

Publeditorial
Agrosys

44

Ponto-Final
ABPA

FEVEREIRO

Show Rural Copavel

06/02 a 10/02 – Cascavel/PR

MARÇO

34ª Reunião CBNA

Aves, Suínos e Bovinos

21/03 a 23/03 – Campinas/SP

Aves & Suínos 360° - Summit 2022

07/03 e 08/03 – Curitiba/PR

MAIO

Agrishow 2023

01/05 a 05/05 – Ribeirão Preto/SP

AGOSTO

15º Simpósio Brasil Sul de Suinocultura

08/08 a 10/08 – Chapecó/SC

SETEMBRO

6ª Feira da Avicultura e Suinocultura do Nordeste

19/09 a 21/09 – São Bento do Una/PB

OUTUBRO

8º Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio

25/10 e 26/10 – São Paulo/SP

+ em: www.suisite.com.br
e em nossas redes sociais



As + lidas do SuiSite

1 Migração da carne bovina para a suína favoreceu os consumidores em outubro

A pesquisa realizada pelo Instituto de Economia Agrícola em diversos estabelecimentos paulistas mostrou que os valores pagos na aquisição de um kg de carne bovina e suína tiveram queda junto aos consumidores. Como a carne suína teve queda menor em relação a carne bovina, houve melhora na quantidade de carne suína adquirida pela população com o dispêndio necessário para adquirir o kg de carne bovina.

[Leia na íntegra:](#)



2 Poder de compra do suinocultor avança em novembro

Os preços do suíno vivo recuaram na primeira semana de novembro, mas se sustentaram nas semanas seguintes, tendo como suporte o ligeiro aquecimento na demanda. Diante disso, levantamento do Cepea mostra que a média de preço do animal vivo da parcial de novembro está acima da registrada em outubro. Já quanto ao milho, importante insumo da alimentação da atividade suinícola, os valores médios de novembro também estão acima dos do mês anterior, mas avançam de forma menos intensa que os do animal vivo.

[Leia na íntegra:](#)



3 Carne suína segue mostrando evolução bem inferior a outras proteínas animais

A evolução de preço das proteínas animais no mercado paulista a partir de janeiro de 2020 aponta que a carne suína segue apresentando o menor índice de crescimento no decorrer do período. O acompanhamento realizado pelo SuiSite indica que em outubro último, a carne suína alcançou evolução de apenas 18,8%, enquanto as carnes bovina e de frango atingiram crescimento de 51,8% e 57,1%, respectivamente. O incremento nos ovos, por sua vez, atingiu 64,4%.

[Leia na íntegra:](#)



Neopiggy®

Feeding for
the future

Solução
de peso
para a fase
de creche





Frigol registra lucro líquido de R\$ 32,2 milhões no 3º trimestre

Nos nove primeiros meses do ano, a empresa registrou faturamento recorde de R\$ 3 bilhões, 27,6% acima do mesmo período de 2021, crescimento acompanhado pela melhoria na rentabilidade. A Frigol atingiu um EBITDA de R\$ 245,3 milhões entre janeiro e setembro, com aumento de 123,8% na comparação anual, com margem de 8,6%. Em relação ao lucro líquido acumulado, o resultado foi de R\$ 155,4 milhões, valor 3,5 vezes superior ao registrado em 2021.

BRF tem prejuízo líquido de R\$ 137 milhões no 3tri22

A BRF registrou prejuízo líquido de R\$ 137 milhões no terceiro trimestre deste ano. O resultado representa uma melhora de 49,5% em relação ao prejuízo de R\$ 271 milhões verificado em igual período de 2021. A receita líquida proveniente das vendas da companhia no período

somou R\$ 14,056 bilhões, aumento de 13,4% sobre os R\$ 12,390 bilhões do terceiro trimestre de 2021. Segundo a BRF, apesar do prejuízo líquido há melhora em relação aos dois últimos trimestres de 2022.



Rodrigo Galli, gerente Sênior de Marketing da Evonik na América Latina

Evonik lança Instagram com conhecimentos para a cadeia de produção

Com o objetivo de discutir as principais tecnologias e inovações para o desenvolvimento da produção de proteína animal no país, empresa cria perfil que terá a participação da sua equipe de especialistas e pesquisadores de universidades, além de lideranças do setor. Produzido pela equipe da divisão de Nutrição Animal, a Evonik Animal Nutrition, ele vai abordar novas tecnologias e inovações para a produção de proteínas de origem animal e todos os temas relevantes para os profissionais da cadeia produtiva do país, destacou o zootecnista e gerente Sênior de Marketing da Evonik na América Latina, Rodrigo Galli.



Vanessa Olszewski, médica-veterinária e Coordenadora Técnica da Aleris

Aleris participa da Semana Mundial de Resistência Antimicrobiana

Com o intuito de desmistificar o mercado de leveduras, compreendendo ainda mais sua ação na nutrição e saúde animal, a Aleris Animal Nutrition recebeu o convite de participar da Semana Mundial de Resistência Antimicrobiana (WAAW). A companhia realizou webinar em parceria com One Health Social Science – Food Safety and Food Security Small Working Group, apoiado pela One Health Commission, intitulado 'Introdução sobre o uso de Levedura na Alimentação e Saúde Animal'.

O webinar foi conduzido pela médica-veterinária e coordenadora Técnica da Aleris, Vanessa Olszewski. "É uma honra ministrar neste webinar, é algo muito significativo pessoal e profissionalmente, pois quando escolhemos nos dedicar à área da saúde animal, escolhemos cuidar dos animais da melhor maneira que conseguirmos".

Em 2022,
estivemos todos
os dias ao seu lado

Em 2023,
estaremos
cada vez mais

PRÓXIMOS

A Agropecuária é nossa razão de existir, e estar cada vez mais próximo deste mercado é também nossa missão diária. Com o Posicionamento de Mercado JOX apoiamos e ampliamos a visão de nossos clientes para as melhores decisões. Em 2023, iremos comemorar 30 anos ao seu lado, e o que nos move a ir além é estar cada vez mais próximo para o seu novo ano ser ainda mais promissor.

assinejox.com.br

19 3561 8333



Há 29 anos, Referência em Conteúdo Agrobusiness.



André Costa, diretor regional da Topigs Norsvin

Topigs Norsvin lança pedra fundamental de Núcleo Genético em Lages (SC)

A Topigs Norsvin realizou o lançamento da pedra fundamental do Núcleo Genético Lages, na cidade de mesmo nome, em Santa Catarina. Segundo o diretor regional da Topigs Norsvin para América Central e do Sul, André Costa, este projeto reflete o compromisso da empresa em expandir a capacidade de produção da empresa para atender o seu crescimento de mercado e acelerar o progresso genético de suas linhas. "Assim, com este investimento em Lages, estamos disponibilizando ao mercado material genético de alta qualidade e de alto status sanitário, contribuindo para o desenvolvimento da suinocultura nacional, do município de Lages e da região", afirma.

Palatabilizantes

MÃE SABE DAS COISAS...



Imprinting Sensorial da Adisseo:
A chave para o desmame fácil.

Descubra:

Krave® AP

O estimulante de apetite para porcas lactantes.

Delistart®

Aumente o consumo de ração desde o primeiro dia.

Entre em contato:



Representante
Local



www.adisseo.com



Redes Sociais



ADISSEO
A Bluestar Company

Smurfit Kappa Brasil lança Impactt



Conciliando o uso de inovação e sustentabilidade, a Smurfit Kappa traz ao mercado o Impactt, ferramenta proprietária desenvolvida no Brasil que permite realizar simulações em 3D que demonstram o acúmulo de resíduos de embalagens com o passar dos anos. O lançamento permite que clientes e fornecedores a nível global possam visualizar o impacto causado ao meio ambiente caso as soluções sejam descartadas de maneira incorreta ou sejam produzidos com materiais de baixa reciclabilidade.



ALETA™

Acrescente resistência e bem-estar para a produção em qualquer situação.

Exclusivo à base de alga, Aleta é um **beta-glucano** altamente biodisponível, que melhora a **resistência** e **bem-estar** animal em períodos de **desafios**.



Maior **concentração** e padronização superior de **1,3 - beta-glucano**



Mais **resistência** a condições estressantes e doenças



Maior produção de colostro com maiores concentrações de **imunoglobulinas**



Melhor **performance** dos leitões no pós desmame

KEMIN
INTESTINAL
HEALTH

Use a **câmera** do seu celular no QR code ao lado para **mais informações**.



kemin.com/intestinalhealth

Terceiro trimestre registra aumento no abate de bovinos, suínos e frangos

Produção de ovos de galinha também manteve alta

IBGE

No 3º trimestre de 2022, o abate de bovinos aumentou 11,9%, o de suínos cresceu 5,0% e o de frangos subiu 0,9% ante o mesmo período de 2021. Na comparação com 2º trimestre de 2022, o abate de bovinos teve aumento de 6,3%, o de suínos cresceu 2,4% e o de frangos subiu 3,1%.

A produção de 2,13 milhão de toneladas de carcaças bovinas consistiu em incremento de 11,6% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, e aumento de 9,6% em relação ao apurado no 2º trimestre de 2022.

Em relação aos suínos, foram registrados os melhores resultados do abate para os meses de julho, agosto e setembro (14,45 milhões de cabeças), alcançando o patamar trimestral mais elevado da série histórica, iniciada em 1997. O peso acumulado das carcaças registrou 1,33 milhão de toneladas, o que consistiu em aumento de 4,3% em relação ao 3º trimestre de 2021 e incremento de 1,8% em comparação com o trimestre imediatamente anterior.

O peso acumulado das carcaças de frango foi de 3,75 milhões de toneladas

no 3º trimestre de 2022. Esse total significou aumento de 2,7% em relação ao 3º trimestre de 2021 e aumento também de 2,7% frente ao trimestre imediatamente anterior.

Foram produzidas 1,02 bilhão de dúzias de ovos de galinha no 3º trimestre deste ano, superando em 857 mil dúzias o recorde anterior da pesquisa, do 3º trimestre de 2020. A marca foi 0,5% maior que a do mesmo trimestre de 2021 e representa crescimento de 1,2% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Abate de Animais e Produção de Ovos de Galinha - Brasil - 3º Trimestre de 2022

	2021	2022	2022	Variação (%)	
	3º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre	3 / 1	3 / 2
	1	2	3		
Número de animais abatidos (mil cabeças)					
BOVINOS 	7 020	7 386	7 854	11,9	6,3
SUÍNOS 	13 760	14 112	14 453	5	2,4
FRANGOS 	1 536 928	1 504 282	1 551 222	0,9	3,1
Peso das carcaças (toneladas)					
BOVINOS 	1 911 648	1 946 915	2 133 563	11,6	9,6
SUÍNOS 	1 278 202	1 310 271	1 333 459	4,3	1,8
FRANGOS 	3 647 434	3 647 234	3 745 332	2,7	2,7
Ovos (mil dúzias)					
Produção 	1 015 018	1 008 130	1 020 197	0,5	1,2

FONTE: IBGE - Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Estatísticas Agropecuárias - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, Pesquisa Trimestral do Leite, Pesquisa Trimestral do Couro e Pesquisa da Produção de Ovos de Galinha.

Nota: Os dados relativos ao ano de 2022 são preliminares.

Mundo Agro

Editora

agora é



PROTEÍNAS



+ de 20 anos de
experiência!
Pioneiros em
portal digital ao
setor avícola e
agronegócios

AviSite
O PORTAL DA AVICULTURA

OvoSite
O PORTAL DOS OVOS

PecSite
O PORTAL DA BOVINOCULTURA DE CORTE

SuiSite
O PORTAL DA SUINOCULTURA

Presidente do CBNA, Godofredo Miltenburg fala sobre ações da entidade para 2022/24

Objetivo é dar andamento nas demandas da gestão anterior, com maior enfoque para os eventos

Glauca Bezerra, da redação



O médico-veterinário Godofredo Miltenburg assume a presidência do CBNA para o biênio 2022/24

O médico-veterinário Godofredo Miltenburg volta a ser presidente do Colégio Brasileiro de Nutrição Animal (CBNA). Godofredo tem longa atuação dentro do CBNA e faz parte de seus trabalhos desde a fundação do Colégio, em 5 de dezembro de 1985, tendo sido eleito para o cargo de presidente em outras seis ocasiões. A última vez em que presidiu a entidade foi na gestão 2016/2018 além de integrar a diretoria em outras ocasiões.

Em sua gestão, Miltenburg explica que o foco será levar as mais recentes pesquisas na área de nutrição animal para todo o setor de produção animal. "O CBNA é uma entidade isenta de interesse

comercial, essencialmente técnico científica, por isso continuaremos direcionando nossos esforços na realização de eventos", frisa o novo presidente. Atualmente o CBNA realiza seis eventos por ano.

O CBNA é uma entidade sem fins lucrativos com atuação nas áreas de nutrição animal para pets, aquacultura, bovinocultura, suinocultura e avicultura. Entre as atividades da entidade destacam-se a realização de tradicionais eventos como a Reunião Anual CBNA, Congresso de Tecnologia de Produção de Alimentos, Congresso de Aquacultura, Congresso CBNA Pet, além de outros workshops organizados pela associação.

O Colégio Brasileiro de Nutrição Animal realizou uma Assembleia Geral Ordinária para a eleição e posse da nova diretoria para o biênio 2022-2024 no dia 14 de outubro.

A nova diretoria é composta por:

Presidente: Godofredo Miltenburg
Vice: Andréa Silvestrim
Secretário: Marcio Ceccantini
Tesoureiro: José Fernando Menten

Suplentes de Diretoria

Ariovaldo Zani, Luís Rangel e Lucio Araújo.

Conselho Fiscal

André Viana, Maria Aparecida Iuspa, Sandra Rodrigues, José Renato Seixas e Waldemar Rieping Jr.

Comissão Técnica

Aulus Carciofi, Everton Krabbe, Rodrigo Goulart e Urbano Ruiz.

Comissão de Intercâmbio e Divulgação

Fabio Catunda, Leandro Hackenhaar e Júlio Cezar Alvarez.

Comissão para Assuntos Especiais

Alexandre Pedroso, Eduardo Butolo, Fábio Goldflus e Flávio Alves Longo.

Conselho Consultivo

Alfredo Navarro, Aliomar Gabriel da Silva, Gustavo Lima, João Domingos Biagi, José Eduardo Butolo, Manoel Becker, Otto Mack Junqueira e Valdomiro Miyada.

AminoGut: demonstrado pela ciência, comprovado na prática!



- ✓ Manutenção da **Integridade** e **Saúde Intestinal**
- ✓ Suporte para animais em **Situações de Desafio**
- ✓ **Melhor Desempenho** zootécnico e econômico
- ✓ **Resultados Eficazes** na nutrição de suínos

Aij
AJINOMOTO

TECNOLOGIA ► SOLUÇÃO ► EFICIÊNCIA ► LUCRATIVIDADE

Para conhecer mais sobre o AminoGut, seus resultados e aplicações acesse a sessão Publicações no site.

www.aminogut.com.br

Do campo à mesa: qualidade da carne é uma preocupação para produtores e consumidores

Os cuidados começam com a nutrição adequada e devem seguir todas as premissas do bem-estar animal. A atenção abrange desde os ajustes com água, alimentação e temperatura, passando pelo transporte até o abatedouro

Bem-informados e exigentes os consumidores costumam direcionar os rumos do mercado, incluindo o de consumo de carnes e produtos animais. E essa é uma realidade que interfere em todo o processo produtivo. Na suinocultura, são diversos os fatores responsáveis pela qualidade do produto final e a complexidade envolvida exige atenção em todas as pontas, afinal, o rendimento adequado dos suínos no campo será responsável pelo bom rendimento também nas indústrias através de uma carcaça adequada e rentabilidade do lote.

O consumo de carne suína tem

crescido bastante no Brasil nos últimos anos. No 2º trimestre de 2022 foram abatidas 14,07 milhões de cabeças de suínos, um recorde desde o início da série histórica, em 1997 segundo Pesquisa Trimestral de Abate de Animais realizada pelo IBGE. A pesquisa é feita em estabelecimentos que estejam sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal.

A qualidade da carne de porco depende de diversos fatores, mas a preocupação com o manejo deve existir em todas as etapas do processo. Os cuidados começam com a nutrição adequada e devem seguir todas as premissas do bem-

estar animal. A atenção abrange desde os ajustes com água, alimentação e temperatura, passando pelo transporte até o abatedouro - e todos os controles sanitários e inspeções exigidas - até o processamento dos produtos. Atividades que têm ganhado ainda mais fôlego e desempenho com a evolução dos softwares especialistas em gestão e qualidade.

A consultora de negócios da Agrosys, Marcia Eyng, explica que em todo o processo produtivo dos suínos, mas, principalmente em relação ao abate, a tecnologia pode ser um fator favorável para a conquista dos resultados



A Gestão da Qualidade Agrosys abrange:



Planejamento e Controle de
qualidade da produção



Qualificação dos fornecedores



Monitoramento online das etapas
e Auditoria interna

agrosys
tecnologia em agronegócio



esperados. Segundo ela, o processo industrial é muito dinâmico e rápido e as informações on-line facilmente acessíveis são de extrema importância nas tomadas de decisões em meio a um cenário que pode ter várias alterações ao menor problema. “O uso de sistemas especialistas são garantia de segurança para que os gestores tomem decisões assertivas”, explica.

Controlar rendimentos e perdas e fazer a gestão da qualidade são garantias de melhores resultados

Quando falamos de alimentos, a qualidade na produção é a identificação de cada marca, ela se torna a identidade da indústria e facilita a disseminação do processo industrial como um todo. E o mercado é bastante exigente e seletivo, logo, esse é um requisito importante em todo o processo produtivo dos suínos. “Realizar Gestão da Qualidade é gerenciar todos os processos de acordo com as normas estabelecidas, garantindo assim um produto muito melhor. Os monitoramentos são de extrema importância, porém realizar gestão dele de forma adequada torna os processos na indústria facilitados”, ressalta a

consultora de negócios da Agrosys.

A Gestão da Qualidade abrange ações como Planejamento; Controle de qualidade da produção; Qualificação dos fornecedores; Monitoramento on-line das etapas; Auditoria interna, entre outros. Na Central de controle de processo da Agrosys é possível montar planilhas de forma digital, para que os monitoramentos sejam feitos de forma on-line e possam facilitar a resolução de qualquer problema que surja neste processo. O documento atende toda a norma básica para plano de ação com ações corretivas, preventivas e

acompanhamento da ação. Toda a verificação documental é on-line com disposição da planilha pronta e verificada com a assinatura digital e resultados visíveis através de painel por item de inspeção.

Já em relação ao Controle de Rendimentos e Perdas, Marcia afirma que a adoção da prática torna a indústria muito mais

cuidadosa em relação aos seus cortes. A análise tem como objetivo recompor a produção de carnes de suínos desde o abate, observando o processo, aditivos, quebra, condenações e sobrepeso. E, apresentando no final, um rendimento passível de análise para tomada de decisões para fins de melhoria de processo e ganhos de resultados.

O módulo Análise e Rendimento de Perdas (ARP) da Agrosys permite realizar a devida parametrização da árvore base, contemplando a árvore de produtos, as condenações, rendimentos, destinos dos itens resultantes, perdas e ganhos dos Skus (sobrepesos, temperos, quebras), fórmulas dos Skus e extrações no caso de CMS e CMR.



Quando falamos de alimentos, a qualidade na produção é a identificação de cada marca, ela se torna a identidade da indústria e facilita a disseminação do processo industrial como um todo

AUMENTE SUA COMPETITIVIDADE E EFICIÊNCIA COM O AGROSYS ERP

Garanta um maior controle dos processos e custos em toda sua cadeia produtiva, permitindo decisões baseadas em fatos e informações precisas.

Gerenciamento da cadeia de produção de suínos, desde o plano de alojamento, retirada e abate até a desossa e industrialização.

Otimização do alojamento, remessa de ração e insumos e retirada de suínos, com controle de abate e condenações e análise de rendimentos e perdas. Obtenha rastreabilidade total! Com certificado de rastreabilidade de ponta a ponta.



Mais de 25 anos de experiência em Tecnologia para Agroindústria



Mais de 16 mil usuários ativos



Mais de 200 Empresas controladas pelo ERP Agrosys



SUINOCULTURA



Converse agora com um consultor!

agrosys
www.agrosys.com.br

Exportações para China devem sustentar a produção brasileira de suínos

Os riscos sanitários globais, tanto pela PSA como pela PRRS, devem continuar sendo um dos maiores pontos de atenção do setor produtivo, mas também, podem trazer oportunidades para as exportações brasileiras, devido à alta competitividade no mercado internacional

Rabobank

A oferta global de carne suína deve seguir pressionada em 2023, resultado da desaceleração da

produção na China a partir da segunda metade desse ano e das expectativas de novas quedas nos abates da União Europeia e

Reino Unido, por conta do forte aumento dos custos de produção da alimentação e da energia. A questão sanitária ligada a PSA



também tem sido outro fator importante, já que o número das regiões atingidas tem aumentado em relação ao ano anterior. Considerando os maiores países produtores e exportadores da Europa, com exceção da Espanha (que deve avançar em 1% a produção este ano sustentada pelas exportações para China), os outros países devem registrar quedas na oferta, cenário que deve se manter no próximo ano

No caso da China, a forte liquidação no rebanho de matrizes reprodutoras, que se iniciou na metade do ano passado e se intensificou no início de 2022 devido aos baixos preços no mercado local, resultou em queda de 6,3% nos estoques de porcas no segundo trimestre desse ano no comparativo anual.

Tal redução dessa categoria animal impactou diretamente no potencial produtivo de carne suína, que vinha de forte recuperação, e forçou a retomada das importações a partir do segundo semestre desse ano para atender a demanda doméstica e recompor os estoques estratégicos controlados pelo governo.

Tal redução dessa categoria

animal impactou diretamente no potencial produtivo de carne suína, que vinha de forte recuperação, e forçou a retomada das importações a partir do segundo semestre desse ano para atender a demanda doméstica e recompor os estoques estratégicos controlados pelo governo.

Na nossa visão, este novo ciclo na suinocultura chinesa, focado na estabilização dos preços e da produção, devem continuar trazendo oportunidades para o Brasil em termos de demanda, não somente pela competitividade em termos de preços, mas também, pelo potencial de oferta e pela segurança sanitária.

Para 2023, projetamos que as compras chinesas no mercado externo devem retomar, se elevando entre 5 e 10% com relação ao ano anterior.

Vale lembrar que a chegada sazonal das estações mais frias na Ásia e Europa devem elevar também o número de novos casos de PSA e Covid-19. Com relação a PSA, a suspensão dos testes com a vacina no Vietnã e na China devido aos registros de mortes após a aplicação, deve trazer um desafio adicional para

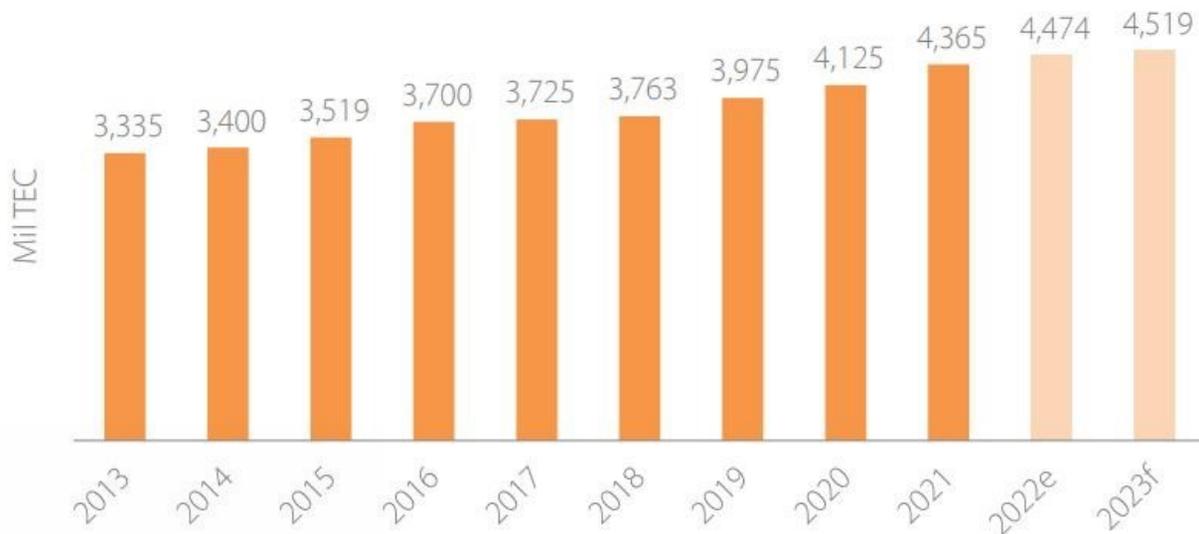
algumas regiões no controle do vírus por conta do “mascaramento” dos sintomas nos animais que foram vacinados e supostamente contaminados.

Existe uma expectativa maior com relação à política de enfrentamento da Covid-19 pelo governo chinês. Conforme visto este ano, a política de tolerância zero e a aplicação de lockdowns em grandes centros consumidores teve impacto direto tanto no consumo local como nos indicadores econômicos dessas regiões. Existe uma expectativa de maior flexibilização nas medidas, que serão adotadas nessa temporada. Fato que deve favorecer principalmente o setor de foodservice.

Os riscos sanitários para o Brasil com relação a PSA fica por conta do Haiti e da República Dominicana, que ainda mantêm a notificação de casos novos e ativos. Porém, a situação parece sob controle até o momento, com o vírus ainda limitado ao território desses dois países. Em partes, isso se deve aos esforços dos vizinhos, México e EUA, que tem elevado os investimentos na região para evitar a dispersão do vírus para outros locais na região.

Custos com alimentação devem ser outro importante fator de monitoramento por parte da produção. Principalmente, por conta dos riscos de novos aumentos de preços.

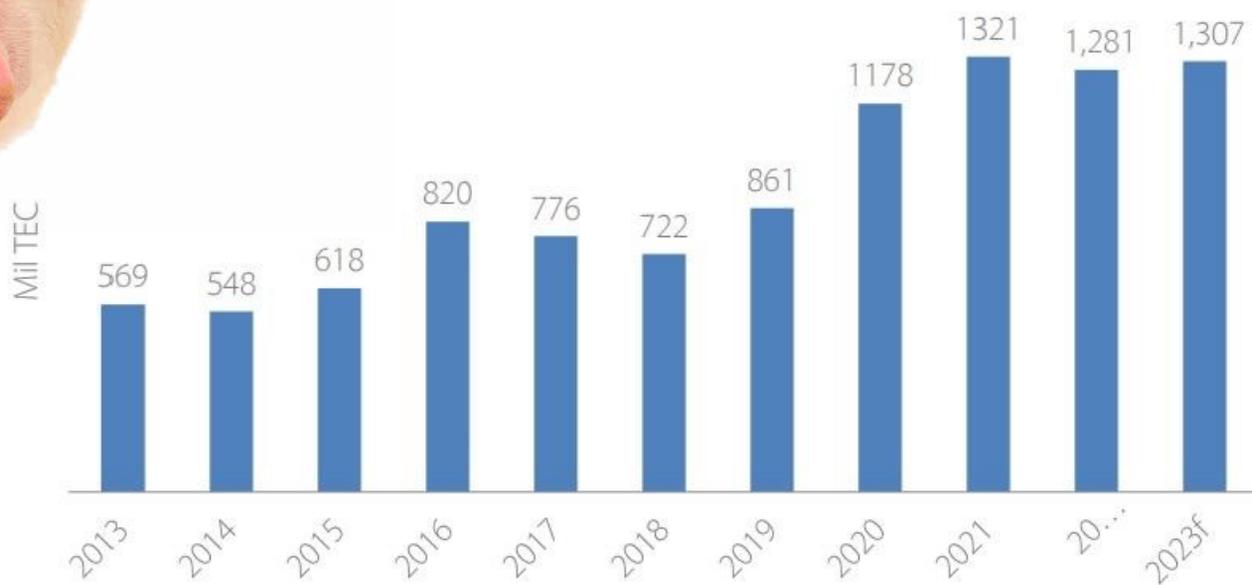
Produção brasileira de carne suína



Fonte: CEPEA, Bloomberg, USDA, Rabobank 2022



Exportações brasileiras de carne suína



Fonte: CEPEA, Bloomberg, USDA, Rabobank 2022

Suinocultura brasileira

No mercado brasileiro, a forte queda nas margens no início do ano ocorreu devido à combinação de queda sazonal nos preços do suíno vivo e aumento recorde nas cotações da ração, o que impactou negativamente o setor produtivo, principalmente, o produtor independente.

O aumento no descarte de matrizes como forma de reduzir os custos e potencializar as margens corroborou para elevação da produção na primeira metade do ano. Mas vale lembrar, que uma parcela dos produtores integrados, mesmo com a pressão nas margens, conseguiram manter o ritmo de produção, especialmente devido à melhora na eficiência e/ou bons posicionamentos com relação à compra e armazenagem de ração.

Para 2023, a expectativa de plantio recorde de grãos, caso não ocorram grandes interferências do clima e no conflito entre Ucrânia e Rússia, devem elevar a oferta no mercado doméstico e reduzir os patamares de preços do insumo que representa entre 70 e 75% dos custos de produção.

Um dos principais desafios deve estar no mercado doméstico, que viu este ano viu melhora no consumo guiado pelo aumento na demanda por produtos processados e embutidos.

Porém, no próximo ano a maior oferta de carne bovina deve reduzir a competitividade da carne suína, não somente pela menor diferença de preços, mas também, pelo forte apelo cultural por esse tipo de carne que aceita por uma boa parcela da população.

O Rabobank projeta novo incremento na oferta de 1% em 2023. Guiados principalmente pelas exportações que devem recuperar 2% do volume embarcada com relação a este ano.

O início de 2023 será o primeiro desafio para o setor. A redução sazonal na demanda para a China (que já preparou os estoques para o feriado do Ano novo chinês) e a queda sazonal do consumo doméstico, são fatores que devem trazer um cenário de pressão nos preços do suíno vivo e da carne suína no atacado/varejo, com o próprio mercado testando o poder de compra do consumidor.

A procura por novos destinos deve se manter como um dos principais objetivos do setor de exportação no próximo ano. Com a tendência de manutenção da recomposição do plantel suíno da China e recuperação da oferta global, é esperado uma elevação da competitividade no mercado externo.



Em prol da segurança alimentar mundial

A união de todos os entes é fundamental para que o agro brasileiro continue em sua missão de suprir a demanda por alimentos em âmbito mundial

Gislaine Balbinot, diretora executiva da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

O agronegócio brasileiro tem sido brilhante. Baseado em ciência, a cada ano, tem aplicado mais tecnologia para ampliar sua produtividade, a fim de oferecer ao mundo alimentos nutritivos e saudáveis, fibras e energia, atendendo as demandas de mais de 190 países. O setor tem se aperfeiçoado na conservação de biomas, ao imprimir um maior uso de técnicas sustentáveis, como o plantio direto, os processos de integração (iLP e iLPF), rotação de culturas, fixação biológica de nitrogênio, recuperação de pastagens degradadas, entre outros.

Todo esse esforço somado aos investimentos feitos antes, dentro e depois da porteira tem resultado em benefícios econômicos para o país e para a sociedade, bem como auxiliado na questão social, ao gerar empregos nos centros comerciais, mas, principalmente, em áreas rurais, propiciando às famílias melhores condições de vida.

Um estudo da LCA Consultores mostra que a renda real das áreas brasileiras dominadas pelo agro alcançaram um crescimento de 29,4% no último quadriênio (2019-2022) em relação ao quadriênio anterior, enquanto no restante do país a elevação foi próximo a 4%. Ademais, a atividade agropecuária emprega mais de 14 milhões de pessoas nas épocas de picos de plantio e colheita.

O agronegócio tem sido fundamental para a economia nacional. Em 2021, o setor representou 29% do PIB nacional, com uma receita da ordem de R\$ 2,5 trilhões. Para este ano, o agro mantém boas perspectivas, apesar de o PIB do setor ter registrado queda no primeiro semestre, devido à alta dos custos de produção na agropecuária e de insumos na agroindústria e ao atraso da colheita em 2021.

A CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) estima que pode haver um crescimento de 2,8% no PIB neste ano. Outro dado importante é a previsão da CONAB (Companhia

Nacional de Abastecimento) de um novo recorde na safra de grão: 312,4 milhões de toneladas (2022/2023), o que representa um aumento de 15,32% diante das 271 milhões de toneladas da safra 2021/2022.

Cabe destacar ainda que projeções da consultoria MB Associados mostram que o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, estados fortemente ligados à atividade agropecuária, devem crescer acima de 5% neste ano.

Nas exportações, o agronegócio segue contribuindo para o superávit da balança comercial brasileira. É importante ressaltar que o alto patamar de preços mundiais tem ajudado o setor a estabelecer valores recordes no ano. Em outubro, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior), do Ministério da Economia, as exportações agropecuárias totalizaram US\$ 6,23 bilhões, o que significa uma alta de 97% ante o mesmo mês de 2021. O resultado foi impulsionado pelas vendas de milho, que saltaram de US\$ 380 milhões em

outubro de 2021 para US\$ 2,05 bilhões em outubro deste ano. Na soja, o aumento foi de 52,5% no valor exportado. No acumulado de janeiro a outubro, a expansão foi de 36% ante ao mesmo período de 2021, chegando a US\$ 65,72 bilhões.

Contudo, a crise econômica, as mudanças climáticas, e principalmente, o retorno da insegurança alimentar e energética e a crise geopolítica são fatores que causam preocupação para o setor. A busca por soluções para o enfrentamento desses temas passa pela integração da esfera pública e da iniciativa privada, assim como pela integração de todas as cadeias agroalimentares. A união de todos os entes é fundamental para que o agro brasileiro continue em sua missão de suprir a demanda por alimentos em âmbito mundial.

Ao avaliar esses fatores, percebe-se que três deles: insegurança alimentar, mudanças climáticas e crise geopolítica estão interligados. Para garantir a segurança alimentar do mundo, por meio da erradicação da fome, a geopolítica é preponderante. Os acordos comerciais são o melhor caminho para uma distribuição mais igualitária dos alimentos. Atualmente, o problema da fome não está na produção de alimentos, mas sim, na distribuição deficitária e desigual.

O agronegócio tem sido fundamental para a economia nacional. Em 2021, o setor representou 29% do PIB nacional, com uma receita da ordem de R\$ 2,5 trilhões



Nesse sentido, é preocupante o retorno de ideias, conceitos e políticas precaucionistas e protecionistas, que têm sido cada vez mais disseminadas no mundo atual. Essas medidas levam o agravamento de novos acordos comerciais, assim como a imposição de regras unilaterais trazem prejuízos para o combate à insegurança alimentar. Portanto, a chave está no diálogo e o caminho é a integração.

O Brasil, dessa maneira, tem um papel importante no mundo, ao ser um dos maiores produtores e exportadores de alimentos, fibras e energia. Por isso, durante a XII Reunião Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), que ocorreu em junho, em Genebra (Suíça), o país se posicionou de forma estratégica, no sentido de buscar uma negociação para atender os países mais pobres no combate à fome, mas com a OMC liderando o sistema multilateral de comércio, baseado em regras claras e transparentes, que tornem esse sistema ainda mais justo, equitativo e orientado para o mercado.

As mudanças climáticas também interferem na geopolítica e, conseqüentemente, na insegurança alimentar. A imagem do agro no exterior está distorcida, gerando desafios no comércio internacional, que também pode dificultar o fechamento de acordos importantes para o fornecimento de alimentos. A realidade, que precisa ser mostrada e comunicada ao mundo, é que agronegócio brasileiro tem feito sua parte. O setor preserva áreas de vegetação nativa correspondentes a 33,2% do território brasileiro, o equivalente a 282,8 milhões de hectares conservados, segundo uma avaliação da Embrapa Territorial, a

Para este ano o agro mantém boas perspectivas, apesar de o PIB do setor ter registrado queda no primeiro semestre, devido à alta dos custos de produção na agropecuária e de insumos na agroindústria e ao atraso da colheita em 2021

partir do geoprocessamento dos dados do Censo Agropecuário 2017 e do Sistema Nacional do Cadastro Ambiental Rural (SiCAR).

Há também políticas públicas que estimulam a produção sustentável, como o RenovaBio (Lei dos biocombustíveis no Brasil) e o Plano ABC+, que começou em setembro deste ano, com metas importantes até 2030 para combater às mudanças climáticas e promover o controle das emissões de gases de efeito estufa (GEE) na agropecuária brasileira, estimulando o aumento da eficiência e resiliência dos sistemas produtivos.

Uma das características do agro também é o efeito poupa-terra, que reduz a necessidade da terra para produzir mais, além da capacidade de produzir até quatro safras por ano, de forma produtiva, eficiente e com o uso de sistemas sustentáveis criados a partir de ciência voltada para o mundo tropical. As indústrias, startups e empresas têm desenvolvido novas tecnologias para agricultura de precisão, que diminuem os impactos ambientais das atividades agrícolas.

Certamente, o agro está do lado dos biomas brasileiros e defende o combate sistemático contra o desmatamento ilegal, que precisa ser punido com a força da Lei. O

setor também procura a união com o poder público para a criação de políticas públicas que estimulem a preservação ambiental concomitantemente à geração de renda para as comunidades locais para a sociedade como um todo.

Para o próximo ano, a expectativa é que o agro siga trabalhando em prol da segurança alimentar global. Dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) calculam uma alta de 10% para o PIB Agropecuário, o que permitirá que o setor siga produzindo de forma sustentável para alimentar o mundo.



Gislaine Balbinot é diretora executiva da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

MundoAgro
Editora

MUNDO AGRO É

#PORTAL #REVISTA #MIDIASSOCIAIS



PROTEÍNAS

AviSite
O PORTAL DA AVICULTURA

OvoSite
O PORTAL DO OVO

PecSite
O PORTAL DA BOVINOCULTURA

SuiSite
O PORTAL DA SUINOCULTURA

+ DE 20 ANOS DE EXPERIÊNCIA E CREDIBILIDADE NO AGRONEGÓCIO

Em ano repleto de desafios, SINDAN exalta a **retomada de estabilidade do setor** de saúde animal no Brasil

Com crescimento próximo dos 10% em 2022, indústria supera dificuldades no cenário socioeconômico e se prepara para demandas do próximo ano

Emílio Carlos Salani, vice-presidente Executivo do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (SINDAN)

O ano de 2022 foi marcado por grandes desafios, como o arrefecimento da pandemia e a adaptação, de fato, das empresas ao chamado “novo normal”, eleições presidenciais, Copa do Mundo. Para o segmento de saúde animal, apesar das dificuldades observadas no período, podemos considerar este mais um ano positivo em nossa história. Os números ainda não estão fechados, mas a estimativa é de crescimento de 10% nas vendas - abaixo dos 20% registrados em 2021, um ano totalmente atípico, mas alinhado ao crescimento médio do setor na última década. Caso a previsão se confirme, o setor de saúde animal ultrapassará, pela primeira vez, a marca de R\$ 10 bilhões de faturamento.



O crescimento contínuo do setor tem uma explicação: a saúde animal é importante tanto para a manutenção do bem-estar dos nossos pets, hoje considerados verdadeiros membros da família, quanto para manter uma boa produtividade entre os animais de companhia. Neste segundo caso, também é fundamental para garantir a produção de alimentos seguros para os brasileiros e os mais de 100 países que importam carnes do Brasil.

Nos últimos anos, com o fortalecimento da agenda ESG, os medicamentos veterinários ganharam ainda mais relevância na produção, graças ao seu papel para a sustentabilidade na pecuária. Um estudo da Health For Animals, entidade global que representa o setor de saúde animal e da qual o Sindan é filiado, indica que as doenças que acometem os bovinos podem aumentar a propagação de gases poluentes em até 113%. Por outro lado, a adoção de melhores práticas e tecnologias em saúde voltadas para a pecuária poderiam reduzir esse impacto em até 30% em todo o mundo.

Diante desses dados, fica ainda mais evidente que a vacinação é de suma importância para uma pecuária sustentável. Os medicamentos veterinários também têm um papel importante nesse processo, ajudando desde a fertilidade dos animais até no desenvolvimento saudável de filhotes, o que ajuda a diminuir a taxa de mortalidade e aumenta a conversão alimentar do rebanho. Consciente do seu papel nesta cadeia tão importante para o País, as indústrias de saúde animal têm focado em inovações para trazer soluções cada vez mais eficazes, seguros e sustentáveis para os produtores.

Nos últimos anos, com o fortalecimento da agenda ESG, os medicamentos veterinários ganharam ainda mais relevância na produção, graças ao seu papel para a sustentabilidade na pecuária.

Outro segmento importante para o setor, é o mercado pet, que também vem crescendo em ritmo acelerado impulsionado pelo maior cuidado com os animais de companhia e o aumento no número de adoções observado desde o início da pandemia.

Mas nem tudo são flores. Em 2022 também tivemos grandes dificuldades, a começar pelos desafios macroeconômicos impostos pela pandemia. Com a elevação dos custos dos insumos, desde os ingredientes ativos, cotados em dólar, até itens menos visíveis aos consumidores, como o isopor, papelão, entre outros, as indústrias precisaram se adequar para que esse aumento não fosse repassado na integralidade aos consumidores. Neste caso, foi uma decisão estratégica de cada empresa, sem o envolvimento da entidade.

Não menos importante foi o desafio de manter o abastecimento de vacinas contra a febre aftosa em um momento em que o Brasil se prepara para suspender a vacinação no País. Somente para a realização da campanha de novembro, as empresas associadas ao Sindan garantiram o fornecimento de 175 milhões de doses e, em parceria com o MAPA, acompanhou a distribuição dessas vacinas em todo o território brasileiro. Mais do que um desafio de produção, uma operação logística complexa.

Por fim, não podemos nos esquecer

do trabalho realizado pela entidade no combate à pirataria de medicamentos veterinários ilegais, um problema que infelizmente cresce ano após ano no Brasil. Neste ano, reforçamos a campanha Olhos Abertos para além do ambiente digital. Nosso canal de denúncias também está sendo reforçado, com o apoio do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) e das autoridades competentes, além de ações educativas via rádio em todo o País.

Trata-se de um tema de extrema importância para a segurança dos animais, tanto dos pets quanto dos animais de produção e que pode impactar inclusive na qualidade dos nossos alimentos e nas exportações de carnes para mercados mais exigentes.

Seguiremos trabalhando fortemente em todas essas ações em 2023, comprometidos com o fortalecimento da cadeia de proteína animal no Brasil. Os segmentos de aves e suínos, importantes para o nosso setor, devem fechar 2022 com crescimento de 8% e 10%, respectivamente. Para 2023, a expectativa é de manutenção do crescimento neste mesmo nível, contribuindo assim para a alta na casa dos dois dígitos do setor como um todo. As questões cambiais podem mudar este cenário, mas as perspectivas do setor hoje são positivas.

Alimentação animal: Fatores que refrearam maior crescimento em 2022



Entre os desafios a convergência de contratempos acabou por impor pesado ônus às cadeias produtivas e obrigou o empreendedor brasileiro a desembolsar muito mais recursos na aquisição de vitaminas, aminoácidos e enzimas

Ariovaldo Zani, CEO do Sindirações

A retomada econômica tem qualificado poucos setores. A maioria, ao contrário, continua amargando severos retrocessos e acentuados resultados negativos. No setor de alimentação animal, a perspectiva é avançar pouco mais de 1% em 2022, diferentemente dos 3,5% de incremento projetados ainda no início do ano. O ambiente inflacionário que aflige toda cadeia produtiva global de proteína

animal, comprometeu também os resultados dos produtores brasileiros de carnes, ovos e leite, sejam eles verticalizados ou independentes.

Compulsoriamente, as cadeias produtivas globais diminuíram o ritmo durante a pandemia da Covid. Atualmente, mesmo vencida a inércia das máquinas, sua propulsão não alcança pleno vapor e, muito embora, as

transações internacionais venham ganhando tração, os portos ainda não recuperaram aquele fluxo tradicional.

O cenário remete àquela desordem de 2021, quando todos amargaram as consequências das limitações e até impedimentos nos deslocamentos impostos em 2020. A parada de aviões e navios e a baixa disponibilidade de contêineres impulsionaram o

custo do frete. O agravamento se deu pela falta de tantos insumos, escassez motivada pela parada das fábricas chinesas consequente ao déficit energético causado pela modificação da matriz fóssil para renovável e pela ausência dos trabalhadores em razão da política sanitária de “tolerância zero contra a Covid”.

Em seguida, a invasão russa na Ucrânia somou estragos ao já conturbado cenário, uma vez que aquela região é reconhecidamente estratégica para o agronegócio global, já que os países envolvidos no conflito são grandes produtores de milho, trigo e outras mercadorias movimentadas e embarcadas no Mar Negro, afora gás natural e petróleo. Adicionalmente, grandes áreas produtoras agrícolas, como o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos, foram abatidas por desordens climáticas que mitigaram a produtividade das lavouras, além dos fertilizantes e defensivos importados, ameaçados pelo risco de escassez e com preços estratosféricos por causa da desvalorização cambial.

A convergência de contratempos acabou por impor pesado ônus às cadeias produtivas e obrigou o empreendedor brasileiro a desembolsar muito mais recursos na aquisição de vitaminas, aminoácidos, enzimas, etc., afora o milho e o farelo de soja. Muito embora, ocupemos o pódio na produção desses principais cereais e oleaginosas, essas commodities são precificadas em dólar, e apesar do certo alívio apurado nos últimos meses, seu preço continua proibitivo quando comparado à extrema dificuldade do repasse adicional ao varejo consumidor das carnes, leite, ovos, peixes, camarões e dos alimentos para animais de companhia.



A expectativa é que o segundo semestre possa contabilizar quantidade suficiente para compensação do retrocesso apurado nos primeiros meses e, oxalá, reservar até algum incremento, considerados alguns fatores, tais como a generosa safra de milho e soja, a distribuição do auxílio emergencial às camadas

socioeconômicas menos favorecidas, o desempenho da pauta exportadora das carnes e até por conta de mais uma Copa do Mundo de futebol.

Parafraseando o imortal Ariano Suassuna: “O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso!”



A expectativa é que o segundo semestre possa contabilizar quantidade suficiente para compensação do retrocesso apurado nos primeiros meses

Principais desafios sanitários no abate de suínos*

**Artigo-resumo adaptado do texto: " Modernização da inspeção sanitária em abatedouros de suínos - inspeção baseada em risco. Opinião científica / Jalusa Deon Kich ... [et al.]. - Concórdia : Embrapa Suínos e Aves, 2019.*

Raquel Lopes Hungueri dos Santos. MV e MSc em Ciência Animal
Heloiza Irtes Nascimento MV e MSc em Ciência Animal



As suinoculturas brasileira e mundial passaram por um processo de intensificação e melhoria na produtividade alicerçado no confinamento, adoção de tecnologias e avanços no controle sanitário dos rebanhos. No passado, as principais causas de condenação de carcaças suínas se deviam a lesões compatíveis com tuberculose e cisticercose, que são facilmente detectáveis na linha de inspeção. A transformação na forma de criação dos animais modificou profundamente o perfil de risco atribuído à carne suína como veiculadora de zoonoses. Entretanto, o sistema intensivo de criação contribuiu para a disseminação de agentes etiológicos transmitidos por alimentos que podem causar doenças nos consumidores, os quais frequentemente estão presentes no sistema digestório do suíno ao abate.

No Brasil, o Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (RIISPOA), publicado em 1952 e vigente por 65 anos, determinava a destinação de carcaças e vísceras conforme as lesões encontradas em liberação, destinação para o aproveitamento condicional ou condenação. O atual RIISPOA, publicado em 2017, mantém a determinação de destino de acordo com as lesões; porém, oportuniza mudanças de procedimentos, desde que baseadas em estudos de avaliação de risco. As especificações, quanto à forma de intervenção oficial no abate de suínos, são definidas pela Portaria 711/1995 (Brasil, 1995). Além dessas normas, foi publicada a Instrução Normativa nº 79/2018 que prevê um novo modelo de inspeção baseada no risco.

Atualmente, a maioria dos

microrganismos relacionados com as lesões macroscópicas comumente observadas na inspeção post mortem não representa risco à saúde humana e muitos causam doenças apenas nos animais. Por outro lado, a maioria dos atuais perigos à saúde do consumidor é composta por microrganismos que não causam lesões observáveis nas linhas de inspeção, tornando-se o maior desafio sanitário no abate de suínos.

Principais lesões que resultam no desvio da carcaça para o DIF ou a condenação das vísceras na linha de inspeção

Em estudo recente publicado pela EMBRAPA, após avaliação de dados obtidos a partir do Sistema de



Tabela 1: Adaptado de Modernização da inspeção sanitária em abatedouros de suínos - inspeção baseada em risco. Opinião científica / Jalusa Deon Kich ... [et al.]. - Concórdia : Embrapa Suínos e Aves, 2019.

CAUSA DE DESVIO/ CONDENAÇÃO	ESTABELECIMENTOS COM ESSA OCORRÊNCIA (%)
Baço	
Contaminação	84 (73,68)
Congestão	72 (63,16)
Esplenite	51 (44,74)
Outras causas*	46 (40,35)
Cabeça	
Contaminação	105 (92,11)
Outras causas*	75 (65,79)
Coração	
Pericardite	103 (90,35)
Contaminação	110 (96,49)
Aderências	23 (20,18)
Outras causas*	68 (59,65)
Estômago	
Contaminação	51 (44,74)
Outras causas*	42 (36,84)
Fígado	
Peri-hepatite	102 (89,47)
Migração larvar	99 (86,84)
Contaminação	111 (97,37)
Congestão	106 (92,98)
Esteatose	76 (66,67)
Outras causas*	108 (94,74)
Intestino	
Contaminação	104 (91,23)
Enterite	72 (63,16)
Linfadenite	36 (31,58)
Pneumatose	77 (67,54)
Outras causas*	98 (85,96)
Língua	
Contaminação	106 (92,98)
Outras causas*	60 (52,63)

Inspeção Federal, a maior frequência de desvio/condenação de vísceras foi pulmão (31,53%), seguido pelo fígado (15,24%), rim (14,44%) e coração (8,49%). A carcaça de 10,2% dos suínos sofreu alguma forma de depreciação como aproveitamento condicional, condenação parcial ou total. As causas de desvio/condenação com frequência percentual maior ou igual a 0,1% em relação ao total de suínos abatidos estão listadas na Tabela 1.

Observa-se que a contaminação das vísceras abdominais está entre as principais causas de desvio/condenação, sendo a causa mais



Pulmão	
Pneumonia enzoótica	86 (75,44)
Enfisema	84 (73,68)
Asfixia	3 (2,63)
Aspiração de sangue	91 (79,82)
Congestão	101 (88,60)
Contaminação	108 (94,74)
Aspiração de água	81 (71,05)
Atelectasia pulmonar	73 (64,04)
Congestão pulmonar	61 (53,51)
Pneumonia	68 (59,65)
Aderências	33 (28,95)
Pleurite	28 (24,56)
Outras causas*	99 (86,84)
Rim	
Cisto urinário	96 (84,21)
Nefrite	107 (93,86)
Contaminação	104 (91,23)
Congestão	103 (90,35)
Uronefrose	35 (30,70)
Infarto anêmico	86 (75,44)
Outras causas*	65 (57,02)
Carcaça	
Aderências	86 (75,44)
Contaminação	99 (86,84)
Contusão	93 (81,58)
Pleurite	59 (51,75)
Abscesso	96 (84,21)
Lesão traumática	38 (33,33)
Linfadenite	67 (58,77)
Pneumonia	75 (65,79)
Criptorquidismo	66 (57,89)
Sarna	41 (35,96)
Lesão supurada	25 (21,93)
Escaldagem excessiva	70 (61,40)
Peritonite	73 (64,03)
Outras causas*	103 (90,35)

frequente em intestino (3,97% do total de suínos abatidos), baço (2,44%) e estômago (0,87%). Nas demais vísceras abdominais, a contaminação esteve entre as três principais causas de desvio/condenação, atingindo 2,67% e 2,43% de fígados e rins inspecionados, respectivamente. A frequência relativa de desvio/condenação em relação ao total de suínos abatidos por contaminação também foi elevada em vísceras torácicas, alcançando 2,45% dos pulmões e 2,30% dos corações. Em relação à carcaça, a contaminação (1,80%) foi a segunda causa mais frequente de desvio/condenação, ficando apenas atrás das aderências, que foi a causa mais frequente (3,72%).

Principais perigos sanitários que resultam no desvio da carcaça para o DIF/Condenação

Segundo estudos da EMBRAPA, foram identificados 124 perigos e, destes, 88 foram excluídos por não



serem considerados como agentes transmitidos pela via alimentar por meio do consumo de carne suína. Dos 36 perigos restantes, 14 foram excluídos por não estarem presente nos suínos industriais em um período de 20 anos e um foi incluído por possível introdução durante o processamento industrial, totalizando 23 perigos relevantes para a avaliação de riscos do produto in natura. Destes, 16 são bacterianos (*Clostridium botulinum*, *Yersinia pseudotuberculosis*, *Escherichia coli* (O157H7), *Brucella suis*, *Mycobacterium tuberculosis*/M. bovis, *Erysipelothrix rhusiopathiae*, *Clostridium perfringens*, *Aeromonas sp.*, *Arcobacter sp.*, *Listeria monocytogenes*, *Yersinia enterocolitica*, *Mycobacterium avium*, *Staphylococcus sp.*, *Campylobacter coli*, *Escherichia sp.*, *Salmonella sp.* [não tífica]); 5 são parasitários (*Giardia sp.*, *Cisticercose/teníase*, *Sarcosporidiose*, *Balantidium coli*, *Toxoplasma gondii*) e 2 são vírus (Rotavírus, Hepatite E). No mesmo estudo, dentre os 23 perigos, apenas

a *Salmonella sp.* apresentou risco alto dentre os perigos identificados. Dez perigos bacterianos e *Toxoplasma gondii* foram classificados como de risco baixo e 11 microbiológicos e parasitológicos como de risco muito baixo (Figura 1).

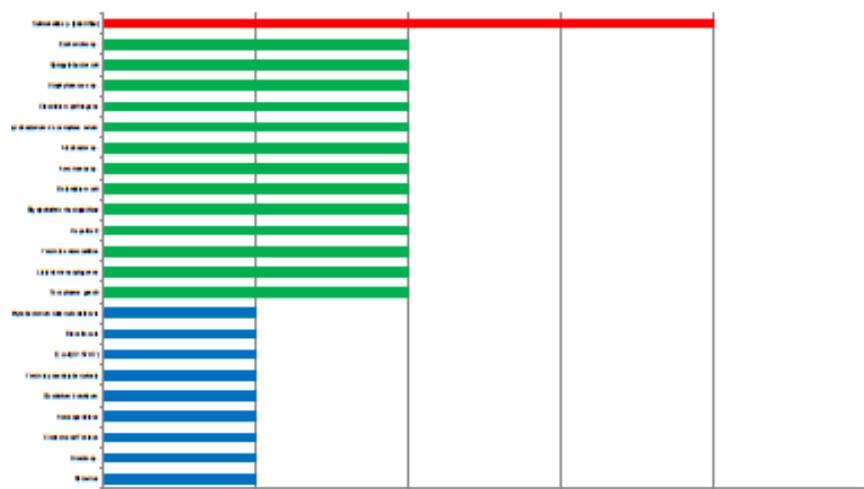
Salmonella sp.

Há vasta comprovação na literatura científica que *Salmonella sp.* é excretada nas fezes do suíno, pode ser carregada no conteúdo intestinal e, também, em outros sítios como linfonodos, tonsilas e na cavidade oral (Castagna et al., 2004; Vieira Pinto et al., 2005; Kich et al., 2011; Vieira Pinto et al., 2012; Guerra Filho et al., 2016). A relevância desse fato para a contaminação superficial das carcaças é amplamente suportada por estudos científicos (Borch et al., 1996; Berends et al., 1997; Alban; Stärk, 2005; Baptista et al., 2010; Pesciaroli et al., 2017). Os resultados médios de isolamento de *Salmonella sp.* a partir de carcaças na etapa de pré-resfriamento variam bastante (5,4% até 24%) entre estudos conduzidos

no Brasil, provavelmente, em função do plano de amostragem e da influência do número de suínos infectados nos lotes abatidos, bem como da diferença entre processos de abate (Kich et al., 2011; Silva et al., 2012). Os dados obtidos por programa exploratório realizado pelo Dipoa, em estabelecimentos de abate em todo Brasil, estimaram 10% (IC 7,50 - 13,22) de carcaças positivas antes do resfriamento (Brasileiro et al., 2017). A partir desses estudos, prevalências entre 10 e 15% de carcaças suínas positivas para *Salmonella sp.* no pré-resfriamento parecem ser uma estimativa realista para os estabelecimentos com SIF no Brasil.

Falhas específicas de biossegurança levam à disseminação de perigos bacterianos de ciclo complexo como *Salmonella sp.* (Kich et al., 2005) os quais, frequentemente, não causam lesões ou sinais clínicos e podem passar despercebidos nos rebanhos. Estudos demonstraram que, embora a quantificação de enterobactérias seja indicador de higiene de processo e tenha uma associação forte com a ocorrência de *Salmonella sp.* em carcaças, a

Figura 1: Caracterização dos riscos dos 23 perigos avaliados em relação ao consumo de carne suína in natura.



influência da variação diária da frequência de Salmonella em estabelecimentos de abate não permite que esse indicador seja usado como um preditor de contaminação por esse perigo biológico (Corbellini et al., 2016). Esse resultado está associado ao fato que, além da higiene do processo, a detecção de Salmonella em carcaças sofre influência do número de lotes com alta prevalência de suínos carregando Salmonella no conteúdo intestinal que são abatidos num determinado dia. Ou seja, mesmo havendo higiene adequada de processo, poderá haver falha em evitar a contaminação de carcaças por Salmonella em lotes de abate com alta pressão de contaminação por ter grande número de suínos infectados. Desta forma, um programa de redução de patógenos em carcaças suínas no Brasil deve contemplar, além do microrganismo indicador de higiene de processo (enterobactérias), o patógeno específico Salmonella que é o perigo biológico de maior risco.

Erisipela

A lesão suspeita de erisipela foi a segunda mais encontrada no grupo das zoonoses. Do total de 4.269 registros de desvio/condenação por erisipelose, 808 foram de carcaças; representando 8,6 carcaças desviadas/condenadas para cada milhão de suínos abatidos. A maior frequência dessa lesão ocorreu no Rio Grande do Sul e apresentou um perfil de ocorrência restrito, pois 1.960 registros do total de 2.571 foram realizados em apenas dois. A erisipela é importante para a saúde do trabalhador, tanto rural como da indústria de carnes, pois sua transmissão ocorre pelo contato da pele, com abrasões ou lesões, com animais infectados e seus tecidos

(Markey et al., 2013). Foram registrados 1.815 desvio/condenações (19,3/milhão de abatidos) por endocardite em 23 SIFs e a maioria concentrou-se nos estados da Região Sul. A carcaça apresentou a maior frequência de condenação (837 registros - 8,9 suínos/milhão de abatidos), seguida pelo coração (234 registros - 2,5 suínos/milhão de abatidos). No caso do registro como carcaça condenada, possivelmente houve, além da lesão detectada no coração, comprometimentos de outros órgãos ou partes da carcaça que levaram à condenação total.

Linfadenite granulomatosa

Os principais agentes causadores da linfadenite granulomatosa são Mycobacterium do Complexo avium (risco baixo) e Mycobacterium bovis/tuberculosis (risco muito baixo). Os exames, atualmente previstos e executados com objetivo de detecção visual da linfadenite granulomatosa, incluem a avaliação oficial de 100% das vísceras com corte dos linfonodos de fácil acesso. A avaliação mais criteriosa dos linfonodos das carcaças e a reavaliação das vísceras são realizadas no Departamento de Inspeção Final (DIF), sendo que a destinação de carcaças é dada pela avaliação do conjunto de vísceras e carcaça, em função de achados das linhas de inspeção. A maior frequência de detecção ocorre na linha que examina os linfonodos mesentéricos. Do total de carcaças desviadas para o DIF, 0,3% foi em função de linfadenite granulomatosa.

Esta lesão associada é possível causa zoonótica mais registrada no SIGSIF, tendo ocorrido em 75 SIFs

(65,78%). Nos três anos estudados, ocorreram 760.643/94.262.328 (0,8%) desvios/condenações por essa causa, o que representa 8.069 desvios/condenações por cada milhão de suínos abatidos. A carcaça foi o principal alvo de desvio/condenação por linfadenite, com 273.686 registros no período (2.903 suínos/milhão de abatidos), seguida pelo intestino com 184.708 registros (1.960 suínos/milhão de abatidos). O Complexo Mycobacterium avium (MAC), que tem sido majoritariamente identificado na suinocultura intensiva, embora exista a ocorrência ocasional do Complexo M. Tuberculosis (MCTb). A tuberculose é o registro menos frequente entre as zoonoses nos abatedouros de suínos com SIF. Registraram-se apenas 22 condenações de carcaça nos três anos estudados, o que representa 0,22 suíno/milhão de abatidos.

Aderências

Na análise dos dados do SIGSIF 2012-2014 (Coldebela et al., 2018), a aderência foi registrada como maior causa de desvio, atingindo 3,72% das carcaças de suínos abatidos no Brasil. A maioria das lesões encontradas no abate são sequelas crônicas de infecções bacterianas que não foram listadas na priorização de riscos como de risco ao consumidor. A maioria destas carcaças que apresenta aderência de serosas na cavidade torácica passa por toailete e é liberada para consumo humano. Porém, em atendimento a requisitos internacionais internalizados na legislação nacional (Portaria 711/95), até a publicação da Portaria 1.304 em 07/10/2018, toda a carcaça que entrava no DIF não podia ser destinada à exportação, o que desqualificava a matéria-prima

para mercados economicamente mais rentáveis. Desta forma, embora os agentes causais de pleurites, que evoluem para aderências, não sejam perigos relacionados com saúde humana, por ser a principal causa de desvios/condenações de carcaça foi realizado um estudo para ratificar este pressuposto e subsidiar a tomada de decisão. Neste estudo, foi investigada a presença de bactérias viáveis em lesões crônicas (aderências) de pleura cujas carcaças foram desviadas para o DIF, bem como avaliadas as características microscópicas destas lesões. As pleurites (aderências) foram identificadas nas linhas de inspeção e desviadas para o DIF, conforme o critério de inspeção usual para exame visual mais detalhado e colheita de amostras. No total,

foram analisadas 100 carcaças, sendo 50 com lesões de pleurite crônica com lesão pulmonar adjacente e 50 com lesões crônicas sem lesão pulmonar. No exame bacteriológico, todas as amostras de pleura foram negativas, independente da presença de lesão pulmonar adjacente, evidenciando a ausência de bactérias nas aderências entre as pleuras parietal e visceral. O isolamento bacteriano só teve sucesso a partir do parênquima com lesões pneumônicas (74%), indicando que os agentes bacterianos ficam restritos ao pulmão.

Afim de se reduzir problemas em frigoríficos com aderências, o médico veterinário sanitarista deve conhecer as causas ou agentes patogênicos presentes na granja

capazes de produzir aderências (*Pasteurella multocida*, *Arcanobacterium pyogenes*, *Actinobacillus pleuropneumoniae*, *Haemophilus parasuis*, *Streptococcus suis*, *Nocardia sp*, e *Aeromonas sp* (Abilleira et al.) e fazer o manejo sanitário da doença afim de reduzir sua prevalência.

Agentes parasitários

Os perigos parasitários foram caracterizados entre risco muito baixo e baixo nos cenários avaliados. Este fato é consequência da baixa presença inicial dos parasitos nos rebanhos, resultado do aumento do controle dos meios de produção (ex.: insumos, assistência técnica e técnicas de manejo), minimizando a ocorrência

Figure 2 (A) Meia carcaça de suíno com presença de aderência. Em destaque, presença de abscesso rompido. (B) Presença de exsudato purulento em lobo pulmonar (círculo branco). Fonte: Arquivo pessoal - Heloiza Irtes.

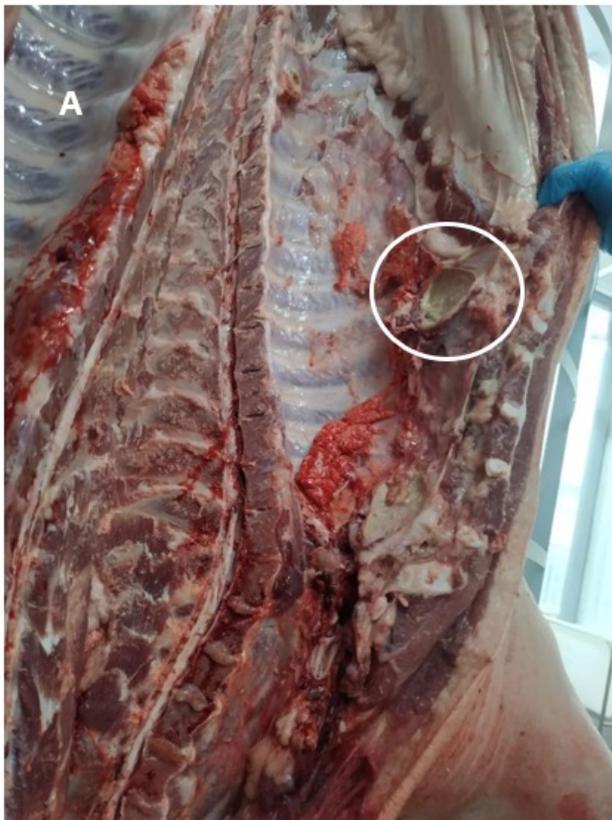
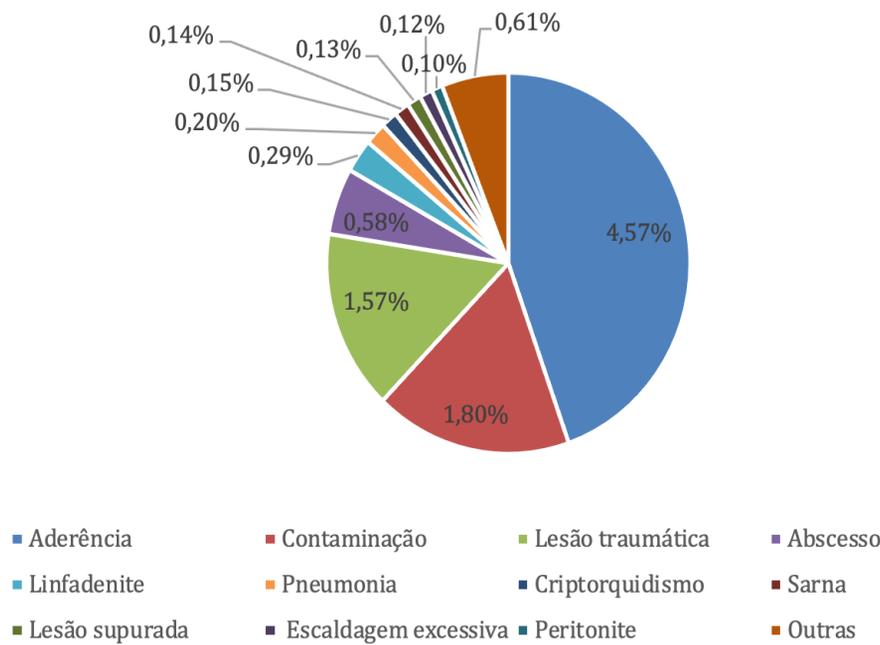


Figure 3 Causas de condenações/desvios de carcaças em suínos abatidos no Brasil entre 2012 e 2014. Adaptado de Adaptado de Modernização da inspeção sanitária em abatedouros de suínos - inspeção baseada em risco. Opinião científica / Jalusa Deon Kich ... [et al.]. - Concórdia : Embrapa Suínos e Aves, 2019



do ciclo de vida de alguns parasitos e da baixa probabilidade de amplificação devido à incapacidade de multiplicação de parasitos no alimento.

No caso da cisticercose, foi possível verificar que existiram 869 registros no Brasil distribuídos em 25 SIFs (21,92% do total), representando 9,2 ocorrências para cada milhão de suínos abatidos. Entretanto, 647 dessas condenações ocorreram em um único SIF de Minas Gerais, cujo registro foi confirmado pela Superintendência Estadual do Mapa. A maioria das lesões estava localizada no coração (668 registros - 7,1 suínos/milhão de abatidos), seguido da carcaça (79 registros - 0,84 suíno/milhão de abatidos). Já a sarcosporidiose

apresentou registro raro, 482 ocorrências em três anos, o que significa 5,1 por milhão de suínos abatidos. Interessante observar que, dos 17 SIFs que registraram as condenações/desvios, 10 estão localizados em Santa Catarina (354 registros), sendo que apenas 1 SIF registrou 207 casos. Quase todos os registros são referentes à condenação de carcaça (476 registros - 5,1 suínos/ milhão de abatidos).

Toxoplasma gondii e Balantidium coli foram os dois perigos parasitários com maior nível de risco, ainda que tenham sido caracterizados como de risco baixo em todos os cenários modelados. Isto se deve ao fato de suas presenças nos rebanhos brasileiros serem maiores que os demais

parasitos (Brito et al., 2012; Santos et al., 2017). Apesar de maior presença nos rebanhos industriais, o fato de apresentarem baixa probabilidade de amplificação, (sem capacidade de multiplicação nas carcaças ou nos produtos derivados) e alta probabilidade de redução (Belluco, et al., 2016; Acha; Szyfres, 2003) (sensíveis ao congelamento e/ou ao calor), os manteve em nível de risco baixo.

Na Figura 3, estão resumidas as principais causas de desvio/condenação de carcaças registradas no SIGSIF (Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal). Observa-se que a maioria delas está relacionada: a doenças da produção como as aderências, pneumonias e abscessos; eventos anteriores ao abate, como lesões traumáticas, e falhas de processo de abate, como contaminação por extravasamento de conteúdo intestinal.

A carne suína, cada vez mais, tem sido produzida com altos padrões de qualidade e segurança. Dentre os riscos existentes, apenas um é considerado alto, atestando a altíssima segurança no consumo da carne suína. As demais causas de condenação e desvios que ocorrem no processo de abate, relaciona-se principalmente aos problemas sanitários endêmicos aos suínos. Essas perdas têm consequências econômicas desfavoráveis à indústria de suínos. Tais condenações devem ser avaliadas e diagnosticadas de perto para que as intervenções sanitárias e de biosseguridade feitas por médicos veterinários possam promover maior segurança e qualidade dos alimentos produzidos, além favorecer maior lucratividade à cadeia.

Mundo Agro

Editora

agora é



PROTEÍNAS



+ de 20 anos de
experiência!
Pioneiros em
portal digital ao
setor avícola e
agronegócios

AviSite
O PORTAL DA AVICULTURA

OvoSite
O PORTAL DOS OVOS

PecSite
O PORTAL DA BOVINOCULTURA DE CORTE

SuiSite
O PORTAL DA SUINOCULTURA

Os principais tipos de **Salmoneloses em suínos** e os desafios para o plantel

Filipe Fernando



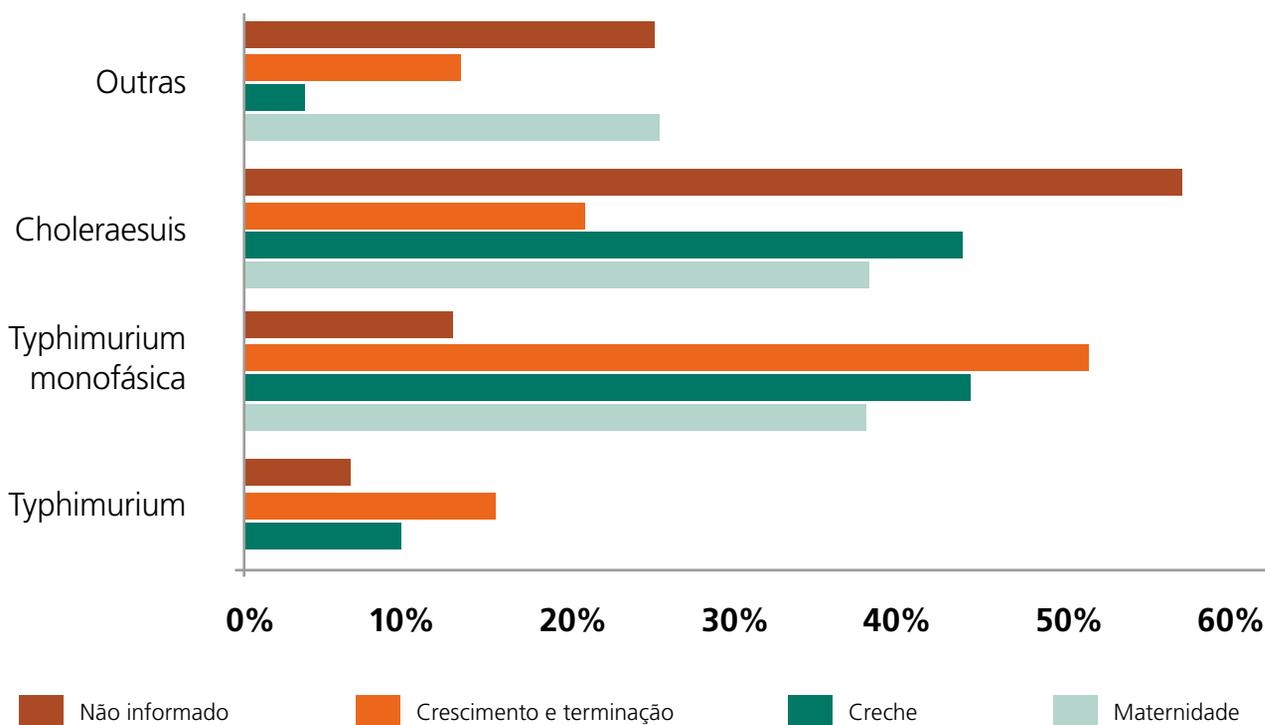
Quando falamos sobre os principais desafios que os suinocultores têm em sua produção, o mais impactante deles – em termos de produtividade e, consequentemente econômico – é a prevenção e controle de Salmoneloses no plantel. Há mais

de 2500 sorovares de Salmonella, bactéria Gram-negativa, da família das Enterobacteriaceae, que é endêmica no Brasil e tem alta prevalência, principalmente causada pela *S. Tiphymurium*, *S. Choleraesuis* e variante monofásica, que emergiu entre os

sorovares predominantes de Salmonella isolados de casos clínicos na população suína do Brasil e tem característica de multirresistência à antibióticos.

Os quadros septicêmicos causados por essa bactéria podem ocorrer

Distribuição de 130 casos de salmonelose em granjas de suínos no Brasil por sorovar e fase de criação



Adaptado de Meneguzzi et al., 2021

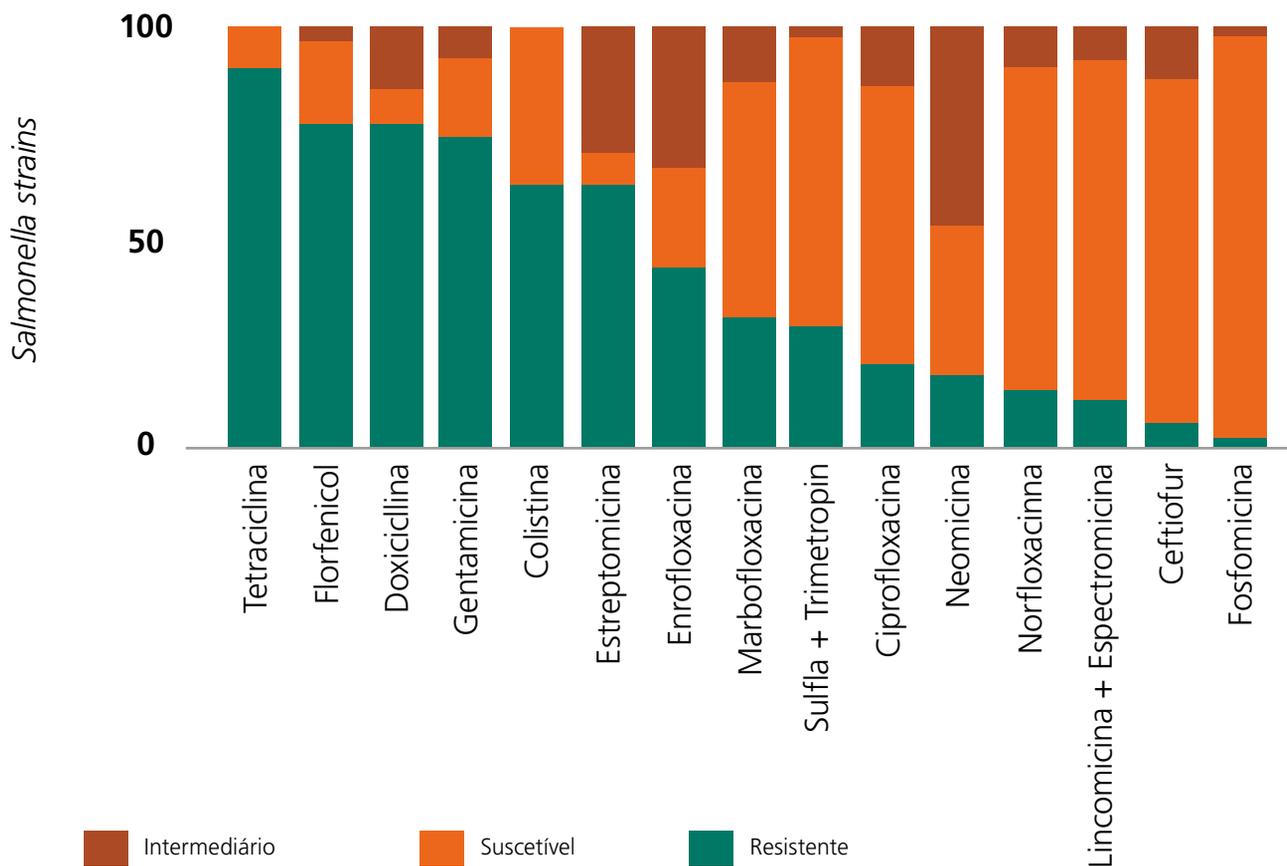


A infecção de seres humanos por salmonela de suínos ocorre por meio do contato direto de animais infectados, seja nas granjas ou frigoríficos, mas principalmente pela ingestão de alimentos contaminados.

nas fases de creche, crescimento e início da terminação, principalmente nas duas primeiras. Ela é transmitida principalmente pela via fecal-oral e os quadros clínicos mais comuns são enterites agudas ou crônicas, podendo passar despercebidas, e a

septicemia, chegando até mesmo à infecção generalizada no animal, influenciando negativamente os índices zootécnicos e, em casos extremos, levando a alta morbidade e mortalidade.

Os sintomas são causados na



Adaptado de Meneguzzi et al., 2021

maioria dos casos pela *S. Typhimurium*. Contudo, a partir de 2011, surtos na forma septicêmica passaram a ser cada vez mais registrados, levando a alta refugagem e mortalidade de leitões, principalmente na fase de creche.

Os que sobrevivem à septicemia

ainda correm o risco de desenvolver problemas entéricos e respiratórios devidos às lesões provocadas pela infecção. A consequência pode ser identificada na redução crônica de desempenho e aumento nos custos relacionados à saúde animal. Estudos mostram que, além de ser uma ameaça à saúde pública, o patógeno custa

caro para a suinocultura. Estima-se que os custos adicionais para o controle de salmoneloses seja de 1,55 a 6 euros para cada animal¹.

A infecção de seres humanos por salmonela de suínos ocorre por meio do contato direto de animais infectados, seja nas granjas ou frigoríficos, mas principalmente



Junto às medidas de biosseguridade, a melhor maneira de proteger o plantel é por meio de um protocolo vacinal adequado

pela ingestão de alimentos contaminados. Os principais sintomas em humanos infectados são diarreia, vômitos, febre moderada, dores abdominais, cansaço, perda de apetite e calafrios.

Para reduzir o risco de contaminações são necessárias práticas adequadas de biosseguridade, limpeza e desinfecção das granjas. Apesar da resistência à bactéria e sua capacidade de sobreviver por longos períodos no ambiente, os animais portadores também representam maior risco para transmissão e manutenção do agente, ainda que seja difícil, pois é comum existirem portadores e excretores assintomáticos, que portam salmonela nos linfonodos e tonsilas sem manifestar quaisquer sinais clínicos.

Por isso, desde a normativa 60, de 20 de dezembro de 2018, que estabeleceu o controle microbiológico, incluindo a Salmonella em carcaças de suínos em frigoríficos, o cuidado com o transporte dos animais para o abate, situação que gera grande estresse, deve ser redobrado, pois aumentam a excreção do agente por meio das fezes, contaminando outros suínos e o ambiente no

frigorífico – fazendo com que o manejo correto das carcaças também seja de extrema importância. Além disso, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), exige a identificação do agente nas carcaças ao abate, com a obrigatoriedade de coleta de amostras para análise laboratorial conduzido por cronograma oficial.

Junto às medidas de biosseguridade mencionadas acima, a melhor maneira de proteger o plantel é por meio de um protocolo vacinal adequado, que tem dois objetivos principais: reduzir a mortalidade e sinais clínicos causados pelo agente e reduzir a quantidade de suínos portadores assintomáticos, diminuindo também a excreção do agente e o risco de contaminação no abatedouro. A vacinação evita também o uso recorrente de antimicrobianos para prevenção ou tratamento terapêutico, fator que contribui para o surgimento de cepas resistentes caso seja feito de maneira indiscriminada.

Por se tratar de um agente intracelular facultativo, a vacina necessariamente precisa estimular a imunidade celular. Uma boa opção é a vacina viva atenuada, pois estimula o desenvolvimento de mucosa e imunidade celular

(Imunoglobulina - IgA). No mercado, é possível encontrar uma opção de vacina viva aplicadas por via oral que protege contra os dois principais sorotipos de salmonela, incluindo a proteção contra o novo sorotipo monofásico de salmonela, que diminuem o estresse dos animais na hora da aplicação, garantindo o bem-estar e contribuindo com a saúde pública e trazendo um alimento seguro à mesa do consumidor.



Filipe Fernando é gerente da área de Aves e Suínos da Boehringer Ingelheim

Referências

Gavin, C.; Simons, R.; Berriman, A.; Moorhouse, D.; Snary, E.; Smith, R.; Hill, A. A cost-benefit assessment of Salmonella-control strategies in pigs reared in the United Kingdom. *Prev. Veter Med.* 2018, 160, 54–62¹



Exportações de carne suína de novembro crescem 17,8% em relação a 2021

“

Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA)

As exportações brasileiras de carne suína (considerando todos os produtos, entre in natura e processados) totalizaram 93,4 mil toneladas em novembro. O número supera em 17,8% o total registrado no mesmo período no ano passado, com 79,3 mil toneladas.

Em receita, a alta é ainda mais expressiva, com crescimento de 35,1%, com total de US\$ 230,5 milhões em novembro deste ano, contra US\$ 170,6 milhões registrados no décimo primeiro mês de 2021.

No acumulado do ano (janeiro a novembro), o volume exportado chegou a 1,017 milhão de toneladas, número 2,8% menor que o registrado entre janeiro e novembro de 2021, com 1,047 milhão de toneladas.

Em receita, o resultado das exportações no ano alcançou US\$ 2,319 bilhões, número 5,3% menor que o registrado em 2021, com US\$ 2,449 bilhões.

O presidente da ABPA, Ricardo Santin, detalha que a média de exportações registradas no segundo semestre chegou a 101,4 mil toneladas, superando os patamares registrados no mesmo período de 2021, de 95,7 mil toneladas.

“Em todo o histórico da suinocultura de

exportação, não há um semestre com desempenho tão expressivo quanto o registrado neste final de ano. O mercado internacional está demandando produtos brasileiros. Este quadro permitiu ao setor recuperar forças e embarcar volumes acumulados em 2022 muito próximos ao que vimos no ano passado, quando registramos recordes de exportações. São divisas fundamentais para a indústria e o País, em um momento de recuperação econômica, tendo em vista que o setor ainda não superou os impactos das altas dos custos de produção”, avalia Santin.

Considerando apenas o mês de novembro, a China, principal destino das exportações brasileiras de carne suína, incrementou suas compras em 95% em relação ao mesmo período do ano passado, com total de 42,8 mil toneladas. Assumindo pela primeira vez o segundo lugar nas exportações brasileiras, o Chile importou 7,7 mil toneladas (+53%).

“Temos expectativas positivas sobre o fechamento deste ano, e espera-se impactos ainda mais positivos com a abertura dos mercados do México e do Canadá, dois dos maiores importadores de carne suína do planeta, que neste ano abriram suas portas para o produto brasileiro”, completa o diretor de mercados da ABPA, Luís Rua.

BOAS FESTAS E FELIZ



MundoAgro
Editora

AviSite
O PORTAL DA AVICULTURA

OvoSite
O PORTAL DO OVO

PecSite
O PORTAL DA BOVINOCULTURA

SuiSite
O PORTAL DA SUINOCULTURA

www.MundoAgro.com.br